

FOLHA SOCIALISTA

Editado pela Comissão Executiva Reg. de S. Paulo do PARTIDO SOCIALISTA BRASILEIRO
Redação: Rua Carlos Gomes, 100. Tels.: 33.9784 e 34.7825, D. Resp. Antonio C. Corrêa. Cx. 20.00

ANO XIV

DEZEMBRO DE 1963

NUMERO 116

A reação contra os metalúrgicos

Há mais de 15 dias, encontramos presos pela Justiça Militar, os dirigentes do Sindicato dos Metalúrgicos, Afonso Delbès e José de Araújo Pischke, acusados de terem insuflado a rebelião dos sargentos. Desde o primeiro momento o Partido Socialista procurou a libertação dos que, les dos sindicalistas, alvao do odo da reação inconfundida, e do ascenso do movimento sindical e com o crescente esvaziamento da classe operária. Dentro as medidas adotadas pelo PSB está a posse do companheiro José Gomes de Sousa, vice-presidente do Sindicato da Previdência do Sindicato da Previdência da Assembleia Legislativa. Apesar de sua curta permanência naquela Casa, o companheiro José Gomes de Sousa, deixou in delévelmente marcada sua presença tendo, ao assumir o mandato, pronunciado discurso de igual descumprimento. Sr. Presidente, Sr. Deputados, ao assumir o mandato de deputado estadual no conselho de São suplente do Partido Socialista Brasileiro, e de representante da classe operária — particularmente dos metalúrgicos — quero deixar inscritas nos anais desta Casa a minha opinião que tem meu Partido sobre o momento histórico que vive a classe trabalhadora. E justo também apontar a atitude do companheiro Cel. Franco, deputados, às várias legislaturas a quem tenho a honra de substituir, que compreendendo a gravidade da hora presente para as instituições democráticas e para o bem-estar da classe operária, em esta oportunidade, nos metalúrgicos, de levarem a efeito a prisão de seu Presidente, o protesto contra a prisão de seus companheiros Afonso Delbès e José de Araújo Pischke.

Quero estender este aplauso ao companheiro Joaquim J. Ferman e Osvaldo Martins Toledo, que demonstrando franca compreensão, abriram mão de sua convocação para que este operário pudesse vir a esta tribuna trazer de novo voz as aspirações de seus companheiros da classe. O movimento sindical que representa no momento, considera que as liberdades democráticas inscritas em nossa constituição devem ser defendidas a todo o custo, e devem ser amplamente com o direito de voto aos alfabetizados, cabos solda, etc. e marinheiros, revocação do artigo 98 do Código Eleitoral,

ral, posse de todos os eleitos em Outubro de 1962 e regulamentação do direito de greve nos termos do projeto Aurelio Viana.

Mencão especial deve ser dada no capítulo da rebelião dos democratas. Como dirigente sindical — com 8 anos de experiência — verifico que só num regime de plena liberdade é que o movimento sindical poderá se desenvolver e crescer e esclarecimento político da classe operária. A verdade é que ultimamente temos verificado o despojar de uma consciência política que leva o operário a votar, cada vez mais, em termos ideológicos.

Acusam o movimento industrial e todo o movimento de esquerda de pretender subverter a ordem e eliminar as liberdades. A verdade é bem outra, e os fatos estão aí para demonstrar o que estou afirmando. Em 1954 um Presidente da República, posicionado pelas forças de direita e com servadores, capitaneado pelo Sr. Carlos de Laeferda, foi levado ao suicídio; em 1955, o Presidente, eleito via levantamento contra sua pessoa e algumas forças em 1961 outro Presidente foi levado a renúncia, e a posse do vice-presidente substituída pelas forças revolucionárias. Nesses momentos a posição dos Sindicatos e das demais forças populares foi a intransigente de defesa das liberdades democráticas e de respeito à vontade popular. Pergunto, então, quem é o responsável pela subversão e pelas ameaças ao regime democrático?

Agora mesmo, dirigentes sindicais, estudantes e das forças populares pretendem realizar uma passeata pelo novo Sabãozinho, a las redondezas de base e de protesto contra o aumento do imposto de vença e as consignações — o famigerado imposto da fome. E acabo de tomar conhecimento de que o Sr. Secretário da Segurança, violando as dire-

ções constitucionais, resolveu proibir a passeata sob os mais variados pretextos. Quero, pois, em nome de todas estas forças, manifestar meu vivo protesto contra estas medidas públicas, que vem se tornando de frequente o novo Estado, desde que assumiu o governo o Sr. Ademar de Barros, inimigo declarado dos trabalhadores e do povo.

Na sessão seguinte, como não podia deixar de ser, nos do companheiro depois de ter o ofício dos líderes sindicais protestando contra a transgressão das liberdades sindicais sofreu provocação por parte do deputado Luciano Nogueira. Foi, rentemente defensor das causas anti-populares que requereu a mesa que publicasse a publicação da manifestação do líder dos metalúrgicos. Immediatamente azearam-se defesas e representantes operários na Assembleia, tanto operário na Assembleia, como deputados: Carlos Alves Parahyban Jr., Osvaldo Martins, Rodrigues e corporador Raul Schwichten e outros.

A intervenção do companheiro Schwichten foi ataca e enérgica, verbalizando a atitude do representante possivelmente, nos seguintes termos: V. Exa. me permita um aparte? (Assentimentado do orador). Sobre deputado Carlos Alves, Sr. Presidente e Sr. deputados, acho doloroso a afirmação, o desejo do deputado Nogueira. Temos hoje aqui a presença de um metalúrgico. E lamentável que queira S. Exa. pedir o discurso de um operário que não representa realmente o povo de São Paulo nesta Assembleia Legislativa. Quando S. Exa. vem aqui e faz declarações e difamações a respeito das esquerdas, ninguém vem pedir que se faça politicamente dos seus discursos. E lamentável que S. Exa., que se diz representante do povo, compareça a esta Assembleia para pedir politicamente de discurso (Custei na pág. 3)

MENSAGEM DE ANO NOVO

A COMISSÃO EXECUTIVA REGIONAL DO PARTIDO SOCIALISTA BRASILEIRO DESEJA FELICIDADES AOS COMPANHEIROS POR OCASIÃO DA PASSAGEM DO ANO NOVO E FAZ VOTOS PARA QUE O ANO DE 1964 TRAGA VITÓRIAS DECISIVAS PARA O PROLETARIADO E O POVO DE NOSSO PAÍS.

P.S.B.: caminho natural das esquerdas independentes

Para quem de, je históricas, militância, efetiva de um movimento organizado de esquerda, atualmente, no Brasil, há só os rumos possíveis: filiar-se no Partido Socialista Brasileiro, ou ao Partido Comunista Brasileiro. Aparecer e a opção é mais ampla, dado que são muitas (até demais) as organizações no âmbito da esquerda nacional. Mas não mais que uma realmente. Na prática, a que se verifica é que a maioria das organizações de esquerda não optam por nenhuma das opções disponíveis. Isso acontece em virtude de que os partidos desse agrupamento não reúnem a sua base de atuação, via de regra, e o âmbito local, quando não circunscrito a apenas um plano de vida política, o movimento político universitário, por exemplo. Essas duas características — que identificam a sua singularidade — chamadas, dentro das organizações, acarretam duas sortes de vícios básicos, que tornam as mesmas conquistas desse pequeno grupo visivelmente desproporcionadas ao esforço da representação, e, sobretudo, no plano da formulação teórica da sua orientação, publicando as suas duas características (quadros e esfera de atuação reduzidos) levam a discussões e questionamentos naturalmente estreito e fechados. E a discussão de pontos conduz também naturalmente, ao dogmatismo, sectarismo e outros males similares. Segundo o plano da atividade prática, isto se acomoda ao movimento no desempenho do projeto (mas sempre ambíguo) etc.

Todos esses vícios apontados têm levado o que se incluem no âmbito de esquerda a abandonar as iniciativas revolucionárias, em que tenham entrado por aqui ou ali, logo se apressam a descometerem de seu trabalho.

Por tanto, na prática, quer seja o que não tenham experiência de militância, quer seja o que por algum tempo tenham estado vinculados a um dos muitos pequenos grupos existentes, a possibilidade de realizar um trabalho consequente e produtivo só pode ser encontrada dentro da opção inscrita no plano do Partido Socialista ou Partido Comunista.

Se portanto, não há uma terceira alternativa, a evidente que o Partido Socialista Brasileiro se constitui no caminho natural das chamadas esquerdas independentes e dos elementos que tem divergências com o comunismo (quanto doutrina e quanto forma de atuação partidária). Já há pouco, quando se sentiram compelidos a enfrentar a opção referida e não desejando inclinar-se pelo Partido Comunista, ou ingressavam no Partido Socialista, contrariados, mas refletindo a alternativa comunista que elegendo a socialista, ou se deixavam ficar em seus pequenos agrupamentos ou na condição de "libre estrajores".

Isso porque o Partido Socialista não era, há algum tempo atrás, e só no ideal para qual se aspirava, o verdadeiro representante do trabalho e consequente produtividade. Não o era, por sua inatualidade principalmente, e por todos os defeitos das regulamentações, que não importava aqui analisar, além de serem por demais conhecidos.

Com a nova fisionomia adquirida pelo P.S.B. há agora um plano nacional, a fim de por uma autêntica observância do programa partidário, nos seus aspectos formais e efetivamente de fundo, para ser operado de modo planejado e planejado, não o abandono dos objetivos, e sim, sob um novo plano, um completo independente, dentro da corrente do Partido Comunista.

Três razões para crer, de outra parte, que alguns grupos de esquerda, predominantemente mal colocados em seu destino, de atuação, sentem-se polarizados pela nova feição e pelo crescimento do Partido Socialista, e agridem a oportunidade de se integrar, como é o caso do Grupo Central do P.S.B. e do Grupo para a Defesa do Partido Nacionalista (NACNalista), os membros do grupo por compreenderem as dificuldades que os intrinsecos níveis de empresas, e o mesmo ideológico do movimento, e o mesmo ideológico do segundo por entenderem facilmente pouco visível a transformação da Frente Parlamentar Nacionalista em Partido político, dado o caráter heterogêneo de sua estrutura. Como é o caso, por igual de alguns setores do movimento católico de esquerda, a maioria não mais interessada por inferior, uma batalha interna no P.D.C. com o sentido de conquistar o controle político desse órgão partidário, imporia firmar, a essa altura, que o Partido Socialista não será o desagudado dessa corrente da esquerda independente, mais cedo ou mais tarde, apenas porque os pequenos grupos não provaram sua fidelidade em termos práticos, ou porque o P.S.B. e o P.D.C. são insuscetíveis de um melhor e mais consequente aproveitamento do ponto de vista da esquerda revolucionária. Nossa hipótese o Partido Socialista não seria o caminho natural das esquerdas independentes, mas o caminho forçado, sob a visão de que uma conjuntura de emergência, e se transformaria, inevitavelmente, de partido com diretrizes programáticas próprias em uma espécie de cobertura local para uma frente unitária de organizações que, dentro do P.S.B. permaneceriam com suas características primitivas.

Estamos afirmando que o P.S.B. é, verdadeiramente, o caminho natural das esquerdas independentes, por acreditarmos que seu programa e sua forma de atuação encarnam perfeitamente as aspirações de pessoas e grupos, que desejam construir o movimento socialista brasileiro sob uma orientação não subordinada ao Partido Comunista.

Na realidade, se o P.S.B. (Comcial na pág. 3)

Nas eleições municipais nosso Partido progrediu

FOLHA SOCIALISTA

ANO XIV — DEZEMBRO DE 1963 — NUMERO 116

TESTE PARA ORIENTAÇÃO PARTIDARIA

As últimas eleições municipais ensinaram uma série de interpretações, em sua maioria procurando dar a entender o desbaratamento das forças de esquerda e festejando a vitória das forças conservadoras.

Avante que a coisa não ocorra como se pretende. Qualquer interpretação do quadro político paulista não poderia deixar de partir da constatação de que em São Paulo, o caudilhismo exerce extraordinária influência sobre o comportamento do eleito. Assim tem sido em 1947, 1951, 1954, 1958 e 1962. O fato de se admitir o inleto de uma polarização entre direita e esquerda, ou entre forças conservadoras e populares, já representa um passo à frente no esclarecimento político do povo paulista.

Foram-se eleições em 305 municípios. Embora ainda não tenhamos procedido a um completo levantamento dos resultados gerais, verifica-se que o Partido Socialista apresentou progressos, tendo disputado o pleito em mais de 60 municípios.

ALGUNS RESULTADOS DAS URNAS

Newton Reis, Prefeito — Jardíópolis; João Batista Berardo, vice-prefeito — Jardíópolis; Nilton de Oliveira Mello, vice-prefeito — Mongaguá e Acarário Antunes, vice-prefeito — Sorocaba.

VEREADORES — 1 — Edison Gasparini, Bauri; 2 — João Aued, Campos do Jordão; 3 — Arnaldo Ferreira, Colina; 4 — Nádine Abdala, Colina; 5 — Augusto Brighidani, Jardíópolis; 6 — José Dias Canelli, Jardíópolis; 7 — José D'Áffilio, Jardíópolis; 8 — Manoel Abreu Talhado, Jardíópolis; 9 — Waldimir Jorge Schinor, Limeira; 10 — Honorino Gomes Ribeiro, Marília; 11 — João Figueira do Barros Eo, Mongaguá; 12 — Nilton de Oliveira Mello, Mongaguá; 13 — Raynaldo Reis, Mongaguá; 14 — José Tizaro, Paraguaçu Paulista; 15 — Osvaldo Flaminio, Paraguaçu Paulista; 16 — Waldemar Alta Cortez, Pederneras; 17 — Pedro Augusto Azeredo Marques, Ribeirão Preto; 18 — José Crespo, Rio Claro; 19 — Alair Cabé Alves, Santo André; 20 — Lincoln dos Santos Gillo, Santo André; 21 — Francisco Guedes Holanda, São Joaquim da Barra; 22 — João Leony Reis Alves, São Joaquim da Barra; 23 — Davi José Lerer, São Paulo; 24 — Moacir Longo, São Paulo; 25 — Sibrônio de Aguiar, São Vicente.

ções de 1962. O poder econômico voltou a ser exercido de forma escandalosa. Todo tipo de coação foi utilizado. As forças conservadoras e de direita convencidas da importância de conquistar a maioria nos parlamentos, procuraram eleger o maior número possível de Vereadores para controlar a Câmara Municipal.

Está claro que não procuraram obter a maioria dos legislativos pelo simples desejo de obter a maioria, ou vencer uma competição com as forças populares; procuraram isso sim, criar condições para assegurar o controle de um órgão que lhes defendesse os interesses.

Como se sabe, desenvolveram em todo o país autênticas campanhas civis, em torno da reforma agrária e a luta decisiva será travada nos municípios, o que conduz as forças a serviços do latifúndio a se prepararem antecipadamente para a defesa de seus privilégios. Acrescente-se a isso que a mudança constitucional n. 4 atribuiu aos municípios a cobrança do imposto territorial rural o que levou o grande proprietário de terras a se mobilizarem para evitar a eleição de prefeitos e vereadores que pudessem levar a efeito reformas tributárias, com forte taxação das terras e extensões de terras localizadas em seus municípios.

Como se não bastasse essa arregimentação, foram utilizados em proporções enormes, pressões sobre o funcionalismo e a fraude direta com a compra de votos tal como ocorreu em Campinas e outros municípios. Em Mongaguá, São Bernardo do Campo e Santo André, para citar as denúncias multiplicaram-se as denúncias sobre a transferência fraudulenta de eleitores de Capital e municípios adjacentes.

Ao lado de todas estas falcatras, verificou-se a enorme dispersão de votos desperdiçada com a falta de Frente Municipal para a eleição de numerosas bancadas nacionalistas e de esquerda. Falhou as

forças de esquerda a definição de uma política eleitoral em consequência da subestimação do processo eleitoral, como elemento eficiente de atuação política.

O pedido do restabelecimento pelo governo federal, foi utilizado pelas forças retrógradas como um alarido sobre as manobras contra o regime democrático.

Apesar da eleição de um certo número de vereadores, na maioria dos municípios em que disputou as eleições, o Partido Socialista poderia ter sido melhor sucedido se houvesse traçado uma política eleitoral há mais tempo. É justo assinalar que, sem exceção, as forças de esquerda não tem interpretado com clareza o problema eleitoral. Não nos preparamos com antecedência para o mesmo, não definimos quais os nossos aliados em cada um dos municípios e não nos interessamos em conhecer as condições municipais para isso. Não tivemos uma orientação segura e ainda necessitamos de mais trabalho eleitoral.

Por isso é reconhecido o enorme assistindo a uma transição no quadro político do Estado. As grandes massas já evidenciam a tendência de abandonar o caudilhismo por uma definição política mais nacional e efetiva. O mau é que as eleições não nos ensinaram esse processo no inleto, de forma que o caudilhismo ainda influí, decisivamente, nos resultados eleitorais.

Urge, pois, que tomemos os resultados das últimas eleições como lição, aproveitando o contato com o Interior e bairros da Capital e definamos uma política eleitoral coerente dirigida ao combate do obediência de resultado, positivos, conquistando as massas a participação mais ativa no processo eleitoral apontando através dele, se não a solução dos seus problemas pelo mesmo, para a obtenção de mudanças políticas.

CAMAL SCHARIEM

VIDA PARTIDARIA

PARLAMENTARES DO PSB

SENADO FEDERAL: Aécio Zaleski (Guaranápolis).

CÂMARA FEDERAL: Max da Costa Santos (Cuiabá); Ruy Ferreira (SP); Renato Siqueira (Estado do Rio); Francisco de Araújo (Pernambuco); Manoel Lima (Bahia).

NOVOS DIRETORES MUNICIPAIS

MONGAGUÁ

Presidente — Hélio dos Santos; Vice-presidente — Nilton de Oliveira Mello; Secretário Geral — Alfredo Gomes; 1.º Secretário — João Figueira de Barros Filho; Tesoureiro — Berardo Fernandes; Sec. Sindical — Antonio Leardini; Sec. de Organização — Joaquim Lindero Leite Junior; Sec. de Cultura — José Otávio Santana Santos; Sec. de Propaganda — Osvaldo Dominguez.

Presidente — Ezequias Galimani; Vice-presidente — Anazário Ricardo Lopes; Secretário Geral — Alcides Pereira; 1.º Secretário — Antonio Simões de Almeida; Tesoureiro — Aureliana Alvares Moreira; Sec. Sindical —

Virgílio Pedro da Silva; Sec. de Organização — Mauro Corrêa Diniz; Sec. de Cultura — Elson Almeida; Sec. de Propaganda — Francisco Assis Brinçães.

DRACENA

Presidente — Márcio Zacarias; Vice-presidente — Leonardo Siqueira Costa; Secretário Geral — Raul Sodahia; 1.º Secretário — João Moreno Molina; Tesoureiro — Durval Alves de Oliveira; Sec. Sindical — Norberto Martins da Fonseca Filho; Sec. de Organização — Fausto José; Sec. de Cultura — Adão Menechini; Sec. de Propaganda — Adalberto Rodrigues de Moraes.

ARAUCÁRIA

Presidente — Pedro Pedro; Vice-presidente — Olinda Ottoni Montanari; Secretário Geral — Cícero Riller Teixeira; 1.º Secretário — Sebastião dos Santos Silva; Tesoureiro — Sebastião Rocha Medeiros; Sec. Sindical — Milton Botelho; Sec. de Organização — Júlio B. Alfisch; Sec. de Cultura — Antonio Lozano Junior; Sec. de Propaganda — Aristides Capua.

Para o Partido Socialista as eleições de outubro de 1963 representavam um teste onde se iria verificar a viabilidade e o grau de adaptação a atual linha política e de atuação do Partido. Assim, após reconstruir o Partido para a sua verdadeira linha política, atuando diligentemente, apenas enfrentamos as eleições para a Assembleia Legislativa, Câmara Federal e Senado, naquela oportunidade o Partido lançou também candidatos próprios a Governador e Vice-Governador. Dada a importância eleitoral que se travou n.º. Então aquela eleição não serviu como base para análise a linha política e seus resultados. Acrescente-se, é bom repetir, que nos países a atual direção tinha pouco mais de um ano de mandato. Assim as eleições municipais devem ser cuidadosamente analisadas. Elas nos darão indicações seguras de como tem a realidade nossa linha política e como vem operando, nessa atuação junto ao povo, atualmente.

MOHICASE A BASE ELEITORAL

Nos centros maiores, como São Paulo, Santo André, Piratininga, Ribeirão Preto, Limeira e outras, deve-se notar no primeiro lugar que a base eleitoral do Partido mudou. Em São Paulo, por exemplo, a votação dos socialistas deslocou-se dos bairros de classe média e mesmo rica para os bairros mais pobres onde mora o povo trabalhador.

Este é um fato que merece destaque especial e grande reflexão. A pregação dos socialistas encontra trânsito em alguns setores da classe média, pequena burguesia principalmente intelectual e mesmo entre alguns elementos das classes mais abastadas. Esta simpatia deve-se, na maioria dos casos, à formação humanista dos elementos e a falta de nossa pregação ao nível de descontentamento com a situação geral do país em face do imperialismo. Não se pode, no entanto, esperar que nestas épocas a linha dos socialistas tenha penetração fácil e indiscriminada. O número pequeno de elementos que se pode definir pelo socialismo nestes setores não permitiu nunca o crescimento do Partido Socialista em termos de sua real transformação num partido de massas. Assim a pregação socialista passou a ser nessas áreas um entrave ao crescimento do Partido pois essa pregação se chocou

com os interesses desses grupos sociais. A análise dos resultados nos mostra que nessas áreas houve um crescimento da votação dos partidos conservadores UDN, PSD, PSP e outros — o que representa uma tomada de consciência por parte desses grupos. De outro lado, seria de esperar que nos bairros periféricos onde reside a maioria dos trabalhadores das grandes centros urbanos, também se definissem com clareza. Infelizmente isto não se deu do modo total. Na realidade muitos dos trabalhadores ainda votam por motivos diferentes dos seus interesses de classe. Assim, abastados as classes abastadas rapidamente se polarizam em torno de seus partidos, os trabalhadores ainda se deixaram levar por alguns nuances de classe. A eleição para vereador sempre se caracterizou por um grande número de votos dados ao candidato do qual, ao Partido ou ao líder dos candidatos. Apesar destes fatos foi notável o número de votos que o Partido Socialista obteve nos bairros periféricos. Esta mudança de voto eleitoral se deve a dois fatores: primeiro a escolha de candidatos segundo à linha do Partido.

A ESCOLHA DOS CANDIDATOS

A maioria dos candidatos socialistas, em todo o Estado, vinha das listas sindicais e populares. Foram escolhidos líderes operários dentro dos sindicatos, dentro das fábricas, nos bairros e nos clubes de bairros pobres, entre a intelectualidade e nos meios estudantis. Os mais ativos. Desta forma, o Partido foi para as eleições um partido de representação popular, com uma representação política de classe da classe operária.

Por outro lado a linha seguida pelo nosso diretório em todo o Estado foi nos últimos dois ou três anos, claramente socialista. Não ganhamos ninguém ao pedirem votos; votaram nos nossos candidatos, os que estavam de acordo com a nossa ação política. Isto foi bem observado durante toda a campanha e especialmente pela renúncia de todo o Partido para ligar a campanha pelas reformas às campanhas nacionais. Assim não houve dúvida quanto à nossa linha nem quanto ao que propunha, nós como solução para os problemas do povo.

Evidentemente que esta lição é concluída na pág. 2.